

Ciências da Religião: história, reflexões e sua pertinência na formação do professor/educador de Religião

*Ângela Cristina Borges Marques**

Resumo: Este artigo tem como proposta abordar a história da implantação do estudo científico das religiões no Brasil, as Ciências da Religião, e refletir sobre sua relevância no processo de formação dos professores/educadores de religião num país onde o relativismo e a diversidade religiosa são uma realidade evidente. Sem a pretensão de esgotar o assunto, teceremos algumas considerações no propósito de demonstrar que um estudo rigoroso e sistemático acerca da religião por parte daqueles que participam da educação das nossas crianças e jovens é imprescindível.

Palavras-chave: Religião. Diversidade. Ciências da Religião. Pluralismo religioso. Educação.

No primeiro semestre do ano de 2006, atendendo a exigência da disciplina *Introdução às Ciências da Religião I* do

* Mestranda em Ciências da Religião do Programa de Ciências da Religião da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Coordenadora e Professora do Curso Ciências da Religião da Universidade Estadual de Montes Claros /UNIMONTES-MG.

Programa de Mestrado em Ciências da Religião da Puc-SP, com orientação do professor Frank Ursaski¹, iniciamos uma investigação sobre a implantação das Ciências da Religião no Brasil. Para tanto realizamos entrevistas com personagens diretamente envolvidos neste processo - Professores João Edênio dos Reis Valle e José J. Queiroz² - e empreendemos leituras a respeito. O que se descortinou aos nossos olhos nos possibilita reflexões sobre a história dos estudos das religiões no Brasil, sobre o atual campo religioso brasileiro e conseqüentemente sobre o ensino religioso em nossas escolas. Neste artigo lançaremos mão apenas das palavras do professor João Edênio dos Reis Valle uma vez que este diretamente aborda a história das Ciências da Religião no Brasil. A partir da sua fala e utilizando autores como Pierre Bourdieu e Maria Lúcia Montes teceremos considerações sobre o campo religioso brasileiro e sobre a necessidade do seu conhecimento para a formação de professores de religião.

Historicamente as ciências têm demonstrado interesse no fenômeno religioso. Antes destas, a própria filosofia iniciou-se e consolidou-se como forma de conhecimento ao interrogar sobre o sentido, origem e finalidade da vida. Inicialmente o pensar mítico dominante no homem levou-o a conceber possíveis existências misteriosas, que talvez se revelariam capazes de fornecer respostas para tais questões e de lhe dar a segurança necessária para viver num mundo desconhecido e aparentemente mais forte.

As respostas míticas, absolutas e universais, que possuíam a função de acomodar o espírito humano frente ao aperfeiçoamento da razão, se abalaram, quando não foram

¹ Professor do Programa de Mestrado e Doutorado da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.

² Professores do Programa de Mestrado e Doutorado da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.

desconstruídas. A capacidade de duvidar, especular e investigar, isto é, o exercício da racionalidade, deu ao homem sua característica principal privilegiando-o como espécie. Mas, a possível existência do sagrado o desafiava e a razão ao pretender pensá-lo, ou seja, ao pretender pensar o impensável encontrou limites e desta forma lançou dúvidas sobre a sua existência renegando respostas prontas e acabadas.

No entanto, se o sagrado é racionalmente duvidável, o mesmo não se pode dizer dos efeitos provocados pela sua possibilidade. Estes continuam a despertar o interesse humano. O homem não mais se prendeu apenas às questões iniciais de natureza filosófica, desenvolveu outras no sentido de compreender dimensões humanas que se revelam no fenômeno religioso e na sua institucionalização. Dessa forma ciências como a História, a Sociologia, a Antropologia, a Biologia, a Política e outras formas de conhecimento procuram dentro dos seus limites epistemológicos abordar os efeitos provocados pela busca do sagrado.

Contudo nem sempre foi assim. A Teologia durante muitos anos se colocou como o único conhecimento legítimo na abordagem do fenômeno religioso. Mas o caráter questionador e insaciável da razão humana expôs tal legitimidade diante da história, que a partir do século XV passou a não mais se constituir apenas na Europa, mas foi ampliada pela existência de outros locais de cultura e conseqüentemente pela diversidade religiosa.

O encontro com outras culturas teve como uma de suas conseqüências a perda progressiva da hegemonia cristã no Ocidente, e de acréscimo o declínio do monopólio da Teologia cristã como única forma de conhecimento religioso. Fazia-se necessário diante das tradições religiosas orais que se apresentavam, abordar de maneira mais sistemática e crítica não o sagrado, mas os efeitos que sua possibilidade provoca.

Nessa perspectiva, se colocam as *Ciências da Religião*, que, diferentemente da Teologia, são concebidas como uma forma de conhecimento desvinculado de valores apologéticos e missionários, pois consideram a diversidade e o relativismo religioso, distanciando-se de possíveis preconceitos étnicos. Somente assim é capaz de se colocar cientificamente diante do seu objeto de investigação, a religião.

O interesse pela religião no Brasil não é recente, data do início da colonização deste país. De acordo com João Edênio dos Reis Valle,

as Ciências da Religião têm início no Brasil quase simultaneamente com a chegada dos portugueses, que estavam diante de um grupo humano, de uma cultura, de uma religião completamente diferente para eles que vinham de Portugal com uma visão muito restrita de religião. Eles tinham que se perguntar: que religião é essa? Isso é o início das Ciências da Religião, talvez no nível do senso comum, talvez com algum preconceito cristão-português-lusitano. Agora, nós temos entre os cronistas, entre os primeiros jesuítas, uma série de elementos que são de Ciências da Religião, o nome é que não existia. Do ponto de vista etnográfico, do ponto de vista antropológico, do ponto de vista de comportamento nós temos amplas descrições que começam com o Padre Anchieta, nós temos por escrito as cartas dos brasileiros e jesuítas que estavam no Brasil, um verdadeiro tesouro arqueológico pouco explorado. Mais tarde mesmo, no século XVIII, XIX, e início do século XX, nós temos uma série de estudos que eu já colocaria como passos iniciais de um estudo, de uma tentativa de compreensão das religiões que existiam no Brasil. Eu penso que de um modo mais formalmente científico, nós começamos a ter um estudo um pouco na linha da Sociologia positivista de Augusto Comte de um lado, e na linha da tentativa médico-psiquiátrica de outro lado.

Nós temos em meados do século XIX, alguns estudos, algumas teses, teses defendidas na faculdade

de medicina, pois ainda não existia sociologia. Mas a gente lendo estas teses, e eu tenho duas delas, a gente percebe que realmente havia um esforço de se entender cientificamente a religião. Nós estamos no momento celebrando 100 anos do livro do médico Nina Rodrigues. Um médico que assume certas idéias, hoje consideradas muito errôneas, de origem francesa, de origem alemã, e aplica, por exemplo, ao comportamento dos que ele chamava de fanáticos, patologizando a expressão religiosa, por exemplo a de Canudos, do próprio Antonio Conselheiro e seus adeptos. Numa posição muito preconceituosa, vendo um pouco o modelo europeu_ a ciência europeia_ como o único válido e o único capaz de julgar o outro, o diferente. Então, eu acho que é aos poucos que começa as Ciências da Religião.

Agora, eu sinto que nós podemos falar em um sentido mais específico em Ciências da Religião é com a fundação da USP. Na fundação da USP, chegam alguns professores franceses, Lévi -Strauss, Roger Bastide. Esses já fazem realmente uma Sociologia da Religião, uma Antropologia da Religião e que, aliás, teve muito efeito também na Europa, não só no Brasil, e aí se instaura (sic) estudos mais específicos em Ciências da Religião.

Podemos então distinguir fases no processo de se estudar religião no Brasil: uma fase pré-científica de tentativa de se entender o diferente e mais tarde um momento em que se instauram métodos e conceitos mais rigorosos principalmente com o avanço da Sociologia e da Antropologia brasileiras. Neste último momento, recente na nossa história, é que se verifica a institucionalização das Ciências da Religião, que no Brasil inicia-se pela pós-graduação, uma vez que a nível de graduação era a Teologia que dominava. Havia uma ou outra disciplina de Ciências Sociais, de Psicologia, de Antropologia, de História, que abordavam o fenômeno religioso sem, contudo, ir a fundo.

No entanto, cada uma destas ciências "falava" a partir dos seus pressupostos e campos epistemológicos deixando a temática fragmentada. Mas a evolução do universo religioso brasileiro em direção a uma diversidade criou a necessidade de unir para o desenvolvimento de uma visão holística sobre o fenômeno. A esse respeito Edênio Valle, ao tratar das razões que motivaram a implantação das Ciências da Religião no Brasil nos diz que:

Primeiro sentia-se que o estudo da religião estava fragmentado. Um sociólogo vinha por aqui, um historiador vinha por lá, o psicanalista tinha outro ponto de vista, e se sentia a necessidade de unificar um pouco. Aí se olhava para as tradições universitárias de outros continentes, de outros países. O Estudo da Religião, *Studys Religion*, é uma coisa antiga nos Estados Unidos nas grandes universidades, e é uma tradição na universidade alemã. Também nesses países, há essa lenta passagem da Teologia para ciências. Mas eu sinto que esta influência: de um modelo, de modelos e teorias de estudos de outros países influenciaram um pouco o que estávamos fazendo aqui no Brasil... Então esse é o primeiro fator.

O segundo, era mesmo para a gente aglutinar especialistas, por que nenhuma disciplina, nenhum cientista sozinho, abrange tudo. E essa pretensão da Sociologia de falar em nome de todo mundo, da Teologia, não tem sentido. Então há mesmo a intenção de reunir professores e pesquisadores de várias ciências em um esforço coletivo e numa espécie de diálogo, que não é fácil de se levar realmente assim, com certo método, se levar adiante. Eu acho que esse é o segundo ponto.

O terceiro é a própria evolução do fenômeno religioso brasileiro. Nós vínhamos durante séculos de uma hegemonia católica, depois chegam os protestantes, dá-se uma primeira separação. Mas ela não é tão forte, o cristianismo católico e o cristianismo evangélico são muito próximos. Mais tarde chega o espi-

ritismo, surgem as religiões da África, chegam os japoneses, as culturas do Oriente, até nós chegarmos a fase depois da guerra mundial, a Segunda Guerra, onde realmente o Brasil se torna um mosaico religioso muito claramente.

As questões apontadas por este cientista estão interligadas. O Brasil, em função de a sua colonização ter se efetivado pela presença de várias etnias, culturalmente desenvolveu manifestações de religiosidade híbridas e sincréticas. Sincréticas no sentido de que a religião oficial, no caso o Catolicismo, recebeu influências do paganismo africano e indígena que são perceptíveis nas manifestações da religiosidade popular. Híbridas³ no sentido de que a coexistência de vários tipos de religiosidades num mesmo espaço torna-o um entre-lugar, um espaço intersticial propício ao surgimento do novo. Muito possivelmente a Umbanda, uma religião tipicamente brasileira seja um resultado deste processo híbrido bem como as variações das religiões afro-brasileiras.⁴ Desta forma, debruçar-se sobre um espaço rico em religiosidades é imprescindível uma vez que a compreensão do universo religioso propicia clareza e entendimento sobre do *ethos* de um povo. Decorre daí que a reunião de várias ciências em torno de um mesmo objeto possibilita não somente a compreensão de uma religião, mas também das dimensões humanas que ela afeta.

Como dito anteriormente, no Brasil o estudo sobre o fenômeno religioso era fragmentado, acontece que a Sociologia não pesquisa religião, pesquisa a sociedade, a Antropologia não pesquisa religião, mas o homem, o mesmo se pode dizer

³ Ver conceito de Hibridismo cultural em Homi Bhabha e Nestor Garcia Canclini.

⁴ As religiões afro-brasileiras são muitas, como exemplo citamos a Umbanda, o Candomblé, O Tambor de Mina, Xangô, Macumba e outras.

da Psicologia que pesquisa a psique humana donde talvez surja a religião. Para que os estudos da religião então se constituíssem num corpo de conhecimentos mais específicos, isto é, se constituísse como um campo de estudos próprios, era preciso que uma perspectiva não desconsiderasse a outra e isso só seria possível se estivessem unidas e organizadas sistematicamente em torno do mesmo objeto, partilhando e compartilhando de conhecimentos.

Sobre o panorama religioso brasileiro do século XX, Maria Lúcia Montes nos informa que a perda da hegemonia política católica, a chegada do protestantismo nas ondas tradicional e pentecostal e o crescimento das religiões mediúnicas contribuíram para tornar o campo religioso brasileiro rico para investigação, na medida em que se torna marcado pela diversidade e se estabelece como campo de disputa entre religiões. Enfim, fazia-se necessário entender o fenômeno religioso brasileiro num momento em que este se caracteriza por uma diversidade muito mais complexa se comparado aos períodos históricos anteriores. Tal entendimento não poderia ser plenamente alcançado partindo da Teologia, da pastoral ou do ponto de vista das Igrejas, mas sim a partir da abordagem do fenômeno em si superando as visões fragmentadas e criando algo mais interdisciplinar.

Apesar da crítica à Teologia, esta não é totalmente excluída deste corpo de conhecimentos. Quando estabelece interlocução com as Ciências Sociais, com a Política, ou com a História, a Teologia contribui muito para a compreensão do fenômeno religioso. Distingui-la então das Ciências da Religião não é uma questão de separar, mas de possibilitar e de viabilizar um intercâmbio, pois cada ciência deve saber de qual do lugar epistemológico, de qual corpo teórico e de que pressupostos e métodos está falando.

A interdisciplinaridade é que faz das Ciências da Religião um instrumento importante para a análise crítica do todo

da sociedade, pois expõe uma visão ampla do universo religioso, uma visão que não é restrita apenas aos sacerdotes, mas que se estende a todo ser pensante. É o pensar crítico e analítico que desconstrói a visão ingênua de religião, visão que ao ser dogmática se torna preconceituosa e segregadora ao ignorar o outro. Como qualquer saber científico que se encontra num processo de afirmação, as Ciências da Religião geram desconfiança nos mais desavisados, aqueles que ainda possuem o discurso ultrapassado de que não se discute religião. Tal visão certamente é anacrônica, típica de quem não percebe a realidade. A religião e/ou movimentos religiosos tem crescido espantosamente nos últimos séculos tanto que mereceu direta ou indiretamente o pensar de homens como Nietzsche, Freud, Marx, Roger Bastide.... Mesmo que fosse para ser criticada e declarada como patologia, a religião foi pensada por estes e por outros.

Retornando nossa atenção para o panorama religioso brasileiro podemos afirmar que sua característica principal é ser constituída de um mosaico de religiões. Com a modernidade e posteriormente com a sua crise, este mosaico se tornou mais complexo gerando uma série de fenômenos novos além da constatação de que as religiões tradicionais como o catolicismo e o protestantismo estão se transformando. A diversidade no Brasil impossibilita que neste país se fale em uma única religião. O estudo do fenômeno religioso neste campo não deve se reduzir apenas às religiões tradicionais, mas deve ser estendido a outras manifestações religiosas. Daí a necessidade das Ciências da Religião que não desconsideram nenhuma religião no universo cultural humano. O Brasil é e ainda será por muito tempo um campo de conhecimento religioso a ser trabalhado empiricamente.

A presença do pluralismo religioso no Brasil reforça a necessidade de um estudo sistemático e científico sobre o fenômeno religioso, pois negando o desencantamento do

mundo propagado pelo advento da modernidade, o homem brasileiro insiste na existência do misterioso, do sobrenatural como mais uma fonte para explicar a vida. Desta forma, crescem as religiões que se apresentam como portadoras de uma possível voz da transcendência. Muitas se colocam com o direito de se sentirem legítimas, e na luta pela afirmação de tal legitimidade semeiam, talvez sem que percebam, a intolerância e o fundamentalismo. A convicção religiosa se torna intolerância. O que deveria ser ético se apresenta como imoral.

Além de diverso, é cada vez mais claro que o campo religioso brasileiro se estabelece também como campo de disputa entre as diversas instituições religiosas, tanto as tradicionais quanto as mais recentes. Pierre Bourdieu (1989, p. 12), ao apresentar a religião como um sistema estruturado, passível de ser submetido a teorias, nos coloca que a religião é um campo simbólico constituído de atores, agentes, produtores... um campo autônomo, possuidor de uma forma própria de gerar o poder, que possui capital próprio e que é espaço para lutas concorrenciais entre seus atores. Neste espaço de disputa os crentes migram de uma instituição para outra, gerando a dupla-pertença⁵, característica inevitável em campos marcados pela diversidade. Neste campo simbólico, as instituições religiosas procuram conhecer o homem brasileiro e sua possibilidade de religiosidade, no entanto, a intenção de entender o homem religioso pode não ser apenas uma questão de salvação, mas pode ser de garantia do poder. A necessidade de dominar ou mesmo a intenção de "salvar" pressupõe conhecimento, pressupõe entendimento. Desta forma, o pluralismo religioso demanda um estudo mais amplo da religião como tal e não apenas da religião no sentido teológico, uma vez que

⁵ Termo largamente utilizado nas Ciências da Religião para designar o crente que pratica duas religiões.

notadamente é perceptível que no trabalho "da salvação" cada vez mais estão envolvidos atores sociais que intencionam crescer e ascender socialmente estabelecendo a religião como base fundamental.

O pensar científico sobre a religião, sobre os seus mecanismos e práticas, sobre os efeitos que provocam na sociedade e sobre suas intenções, certamente forneceria à sociedade entendimento sobre a realidade deste universo. Estaria, portanto, apta a entender a diferença religiosa, a renegar a intolerância e - acima da escolha ou não de uma crença - a estabelecer o diálogo como ferramenta contra os conflitos que emergem em seu seio provocados pela intolerância.

Para tanto se faz necessário nesta sociedade que a educação religiosa não seja apologética e missionária, mas que seja um instrumento no desenvolvimento do senso crítico-reflexivo, que tenha o propósito de colocar a vida humana acima das diferenças religiosas num movimento de associação de idéias sem, contudo, desmerecer a individualidade de cada religião. O professor de religião então deve ser um profissional que tenha consciência da diversidade religiosa brasileira, que tenha entendimento das religiões que compõem o cenário religioso no Brasil e mais, que tenha respeito e consideração pelas particularidades de cada religião. Respeitar outra religião é respeitar o Outro religioso, isto é, a tolerância e o respeito às religiões significa tolerância e respeito ao Outro. Esta inferência não é uma novidade para as religiões, geralmente no arcabouço teológico de cada uma o respeito é palavra-chave, mas é preciso que esta palavra ultrapasse os limites denominacionais o que pode se tornar possível mediante uma educação religiosa onde o Outro valha mais que as opções de crença. É necessário um professor que além de abordar entre seus alunos a urgência de se construir uma consciência cidadã trabalhe também a construção do respeito inter-religioso.

Um professor que tenha este perfil somente é possível se sua formação acadêmico-científica possibilitar conhecimentos interdisciplinares que atinjam as várias dimensões humanas. Tais conhecimentos somente são possíveis com a interligação de várias ciências que se colocariam umas diante das outras como auxiliares. Uma análise psicológica dos efeitos provocados por uma instituição religiosa em particular será muito mais completa se a Psicologia da Religião procurar auxílio em outras ciências como a História, a Antropologia... Uma ciência sozinha não entende o todo do fenômeno religioso.

Portanto, as Ciências da Religião com sua estrutura teórico-científica pluridisciplinar se coloca como um instrumento essencial para a formação acadêmica de professores de religião pois tem competência para prepará-lo didaticamente viabilizando relações dialéticas entre várias ciências que proporcionará ao acadêmico vislumbrar holisticamente o fenômeno religioso e a dar um conteúdo ético à disciplina de Ensino Religioso.

Nessa perspectiva, a produção resultante de um pensar sistemático sobre religião não deve se reduzir apenas à aquisição de conhecimentos, mas deve se estender à prática, colocar a serviço da sociedade, especificamente a brasileira, idéias norteadoras da ética, do desenvolvimento de uma moral do respeito e da tolerância, idéias que expliquem e justifiquem psicologicamente a diferença, idéias que revelem intenções questionáveis daqueles que utilizam a tendência religiosa. A educação religiosa neste sentido pode auxiliar o homem na compreensão da sua existência concreta, ignorando promessas utópicas e educá-lo para a convivência com os diferentes.

Somente pela interdisciplinaridade e pela pluridisciplinaridade é possível um trabalho que vise o todo. O curso de licenciatura em *Ciências da Religião* possui este caráter

pluri-interdisciplinar, o que o torna, então, uma excelente alternativa na formação de professores de religião pois tem o objetivo de preparar profissionais críticos, livres das *doxas* e preconceitos, que tenham conhecimento das particularidades das religiões que compõem o universo brasileiro, especificamente, que entendam sobre as relações que a religião estabelece com a economia, com a política, com a educação, que tenham a noção da importância da identidade religiosa na construção de uma visão do mundo e que percebam possíveis contradições entre o *ethos* religioso e a vida prática, isto é, que percebam as contradições performativas.

Com esse discernimento e um senso ético apurado, o profissional da educação com formação nas Ciências da Religião será capaz de – através do Ensino Religioso – interferir na sociedade ao se posicionar cientificamente na discussão sobre o fenômeno religioso brasileiro, sobre as particularidades de cada religião, sobre os seus benefícios, sobre os mecanismos utilizados por estas para se manterem em evidência alertando para os prejuízos provocados pela alienação religiosa e promovendo o diálogo inter-religioso no plano não das religiões, mas dos seus adeptos presentes em nossas escolas.

Referências

BHABHA, Homi. *O Local da Cultura*. Belo Horizonte: UFMG, 1998.

BASSIN, Mark. "Inventing Siberia: Visions of the Russian East in the Early Nineteenth Century". In: *The American Historical Review*, 96 (3), jun. 1991, p. 763-794

BOURDIEU, Pierre. Sobre o poder simbólico. In: *O poder simbólico*. Lisboa: DIFEL, 1989. p. 7-15.

BURKE, Peter. *Hibridismo Cultural*. São Leopoldo: Editora

Unisinos, 2006.

CANCLINI, Nestor Garcia. *Culturas Híbridas*. São Paulo: Edusp, 2006

ELIADE, Mircea. *O sagrado e o Profano – a essência das religiões*. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

FILORAMO, Giovanni, Carlo Prandi. *As Ciências das religiões*. São Paulo: Paulus, 1999.

MONTES, Maria Lúcia. As Figuras do Sagrado: entre o público e o privado. In: SCHWARCZ, Lilia Moritz (Org.). *História da Vida Privada no Brasil: contrastes da intimidade contemporânea*. Companhia das Letras.

QUEIROZ, José J. As religiões e o sagrado nas encruzilhadas da pós-modernidade. In: QUEIROZ, José J. et al. *Interfaces do Sagrado*. Em Véspera de Milênio. São Paulo: Edições Loyola, 1996.

SANCHIS, Pierre. O campo religioso contemporâneo no Brasil. In: ORO, A.P., STEIL, C. A. *Globalização e Religião*. Petrópolis: Vozes, 1997, p.103-113.

SILAS, Guerriero (Org.). *O Estudo das Religiões*. Desafios Contemporâneos. São Paulo, 2003.

USARSKI, Frank. *Constituintes da Ciência da Religião*. Cinco ensaios em prol de uma disciplina autônoma. São Paulo: Paulinas, 2006.

VALLE, Edênio. *Psicologia e experiência religiosa*. São Paulo: Loyola, 1997.